

Publicado em: *Estudos lingüísticos*, Taubaté: Unitau, 2003, com. 95, CD-ROM.

PARA UM ESTUDO DE SEMÂNTICA SINCRÔNICA DOS SUFIXOS DERIVACIONAIS EM PORTUGUÊS DO SÉCULO XIII

Mário Eduardo VIARO (USP)

ABSTRACT: *In this paper the 420 poems of the Cantigas de Santa Maria were analysed in order to describe the derivations processes in the 13th century Portuguese. Not all forms which are previewed in the historical grammars were effectively used, and others are strikingly very productive.*

KEYWORDS: *Semantics; derivative suffixes; old Portuguese.*

0. Introdução

A fim de que o estudo diacrônico de uma língua seja efetivo, é preciso uma intensa investigação do ponto de vista sincrônico para cada século de documentação dessa língua. Além da quase inexistência de estudos sintáticos, algumas lacunas no capítulo da Morfologia são evidentes nas gramáticas históricas do português. Os sufixos, por exemplo, com exceção da *Gramática histórica* de SAID ALI (2001:172-186), são pouquíssimo estudados diacronicamente. Neste trabalho, será feita, a partir de um *corpus* definido, a saber, as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X (1221-1284), uma listagem dos sufixos efetivamente usados e seus valores semânticos no séc. XIII. Contrastados com os mesmos sufixos, no português atual, verifica-se que tanto a polissemia quanto a produtividade de cada um deles não são as mesmas. Observar-se-á que, excetuando os estudos de MATTOS E SILVA (1999), reina um pancronismo, típico das gramáticas normativas, nos capítulos das gramáticas históricas, que se fundamentam em vários *corpora*, mesclando amiúde vários séculos, em suas descrições. Esse pancronismo não é desejável, uma vez que não permite que o pesquisador reconheça os fatores a que se vincula a variação lingüística de uma etapa antiga de uma língua.

1. Classificação dos sufixos

O mesmo sufixo pode adquirir significações distintas. Uma classificação semântica há de prever essa situação. Além dessa classificação, é possível separar os sufixos dependendo de seu ponto de partida e seu ponto de chegada, a saber, sufixos formadores de substantivos e adjetivos provenientes de substantivos (denominais), adjetivos (deadjetivais), advérbios (deadverbais) ou verbos (deverbais).

Como exemplo, cite-se o sufixo *-eiro*, que forma substantivos e adjetivos que podem ser denominais, deadjetivais, deadverbais ou deverbais. Todavia, nem todas as possibilidades foram produtivas em todas as épocas.

Se se analisam todas as 420 *Cantigas de Santa Maria*, compostas no último quartel do séc. XIII (refletem, portanto, a fase da língua portuguesa entre 1270-1282), observa-se que há palavras usadas que revelam maior antigüidade que outras. Há

aquelas formadas com esse sufixo no decorrer dos séculos VII a.C. a I d.C. (7 exemplos no *corpus*), que se compõem quase exclusivamente de substantivos denominais e sobretudo adjetivos deadjetivais. O único caso de substantivo deadjetival é *dinheiro*. Apenas uma ocorrência de substantivo com valor semântico de “profissão” (*obreiro*). Paralelamente, com datação entre III a.C. e V d.C. (11 exemplos) só há substantivos (denominais e deadjetivais), dos quais muitos (45,45%) são profissões, há um crescente número de indicações locativas (*caldeira, ribeira, fogueira*) e um vegetal (*figueira*). Do latim tardio e medieval (6 exemplos), continua a predominância de substantivos denominais, mas também há adjetivos (um deadjetival e outro deverbais: *merceiro*). Paralelamente, as formas hipotéticas (ao todo 5 exemplos) para o intervalo entre III a.C. e XIII d.C. aponta para a maioria de substantivos denominais, a maioria denotadores de profissões.

As formas mais recentes, do séc. IX a XIII (ao todo 54 exemplos) são sobretudo substantivos denominais (55,55%) seguidos de adjetivos denominais (14,81%), adjetivos deadjetivais e denominais (ambos com 11,11%), substantivos deadjetivais (9,26%), adjetivos deverbais (5,55%), substantivos deverbais (dois exemplos: *mercadeiro, mandadeiro*, 3,7%), adjetivos deadverbais (um exemplo: *dianteiro*, 1,85%). Dessas palavras mais recentes, 29,63% são profissões, mas há outros derivados que possuem o traço [+humano], como *solteiro, herdeiro*, enquanto um número significativo (12,96%) tem um traço durativo evidente (*parleiro, mentireiro, prazenteiro* etc.) ou um valor locativo (*moleira, cabeceira, outeiro*: 12,96%), mas apenas dois exemplos de vegetais (*azinheira, giesteira*: 3,7%).

2. Listagem dos sufixos do português do séc. XIII

Um estudo minucioso de cada sufixo foge do escopo deste trabalho. Limitar-se-á a fazer uma listagem das formas constantes das *Cantigas de Santa Maria* e comentá-las. Serão eliminados os sufixos *-ado, -udo, -ido*, por estarem em situação fronteira entre a flexão e a derivação, além do formador de advérbios de modo – *mente* e dos sufixos formadores de verbos. Outros participios latinos: *-enda*, com 8 casos e *-nte, -nta*, com 27 ocorrências revelam uma produtividade antiga, já não atuante nesse momento.

A seqüência dos sufixos é a mesma da utilizada por SAID ALI (2001: 173-186). Indica-se por x o elemento a partir do qual a palavra derivada se formou. É claro que muitas vezes o radical simples não é reconhecível sincronicamente ou mesmo totalmente (casos de radicais de etimologia desconhecida, etimologia particular ou empréstimos). Nesses casos, ocorre a opacidade da função sufixal.

a) *-aria, -eria* (12 ocorrências): os sentidos abonados são os de “ação característica de x”: *drudaria* (11:19), *alcayotaria* (64:72), donde “coletivo de x”: *arteria* (9:197), *tricharia* (25:75), *messengeria* (40:23); “local onde se encontram (muitos) x”: *tafuraria* (163:7), *judaria* (12:27), *tesoureria* (94:27), *romaria* (26:17), *enfermaria* (45:29), ou “elementos que se encontram em x”: *azaria* (277:6). Esse sufixo formado de *-ario* e *-ia* associava-se inicialmente a significações de *-ia* como “instituição em que participam os x”: *cavalaria* (69:12). Outras formações com *-ia* mostram significações semelhantes, como “ação típica de x”: *eregia* (2:25), *felonia* (4:62), *compania* (9:48), *malfetoria* (9:103), *bavequia* (9:114), *profecia* (14:27), *maestria* (18:60), *folia* (18:87), *covardia* (25:109), *aleivosia* (25:163), *ousadia* (11:68),

sobervia (35:8), *arlotia* (125:91), *melloria* (180:8), *cortesia* (180:57), *fiadoria* (25:48), *louçãya* (64:18); “característica de quem é *x*”: *compania* (9:48), *alegria* (9:139), *sabedoria* (47: refr), *sennoria* (380:25); “local onde se encontram (muitos) *x*”: *abadia* (9:73), *crerezia* (11:90); “conjunto de muitos *x*”: *preitesia* (11:64), valores extraídos normalmente de topônimos como *Andaluzia* (348:11), *Lombardia* (293:10), *Alexandria* (65:72). Palavras de origem grega ou francesa promovem opacidade em casos como: *ledania* (11:92), *gemetria* (231:73), *idropisia* (308:28), *melanconia* (393:5), *frenesia* (404:55), *oufania* (367:39), *cirurgia* (408: refr), *mesageria* (40:23), *merchandia* (172:7), *maloutia* (321:12). Formações com *-io* coocorrem com *-ia* para indicar “local administrado por um *x*”: *baylia* (32:46), *poderio* (65:200), *sennorio* (65:202).

b) *-eçe*, *-ece*, *-ez*, *-eza*, *-iça* (24 ocorrências): o sentido mais freqüente é “característica de quem ou daquilo que é *x*”: *rafece* (177:7), *vellece* (288:39), *sandece* (294:18), *mançebeçe* (389:6), *menynnez* (123:11), *belmez* (147:46), *grãadez* (258:47), *requeza* (51:15), *fereza* (67:78), *cruenza* (68:32), *pobreza* (75:2), *nobreza* (152:154), *alteza* (140:10), *franqueza* (140:11), *avoleza* (195:49), *vileza* (195:52), *astragueza* (281:7), *grãadeza* (292:9), *soteleza* (369:36), *braveza* (377:refr), *tristeza* (406:20), *lediça* (7:24), *justiça* (78:63), *cobiça* (157:11). Não há nenhuma ocorrência do valor pejorativo de *-ice*, que, aliás, não ocorre nesse *corpus*, como também não há formas com *-ícia* ou *-ície*.

c) *-ança*, *-ença* (52 ocorrências): estes sufixos se mostram surpreendentemente muito produtivos, diferentemente do que afirma SAID ALI (2001:175). Muitas vezes deverbais, uma vez que são formados sobre o tema do particípio presente latino, significado sobretudo: “ato (normalmente durativo) de quem *x*” *gabança* (9:16), *morança* (9:19), *tardança* (9:30), *semellança* (9:38), *errança* (9:41), *demorança* (9:49) ou “resultado (às vezes concreto) do ato de *x*”: *gaança* (9:74), *doença* (167:8). Em alguns casos, as palavras já haviam sido formadas no latim, tornando, portanto, opaco o vocábulo a partir do qual é formado: *pitança* (9:42), *peendença* (26:3), entre outros.

d) *-ame*, *-ume* (2 ocorrências): opacos com noção coletiva, encontram-se apenas em *eixame* (211:31) e *queixume* (49:46).

e) *-age*, *-agem* (5 ocorrências): geralmente palavras emprestadas do francês (NUNES 1945:390), não é possível atribuir significados claros ao sufixo: *linnage* (62:16), *menage* (62:17), *mirage* (105:8), *viage* (195:152), *usage* (195:153), *message* (195:156), *lenguage* (426:27). No *corpus* em questão, entretanto, não ocorrem as formas equivalentes *-ádego*, *-ádigo*, *-ático*.

f) *-idõe* (1 ocorrência): formador de abstratos deadjetivais “característica de quem ou daquilo que é *x*”, só ocorre em *limpidõe* (312:7). Com a forma *-tude* só ocorre a forma herdada *vertude* (9:109).

g) *-dade*, *-tade* (46 ocorrências): formador de abstratos deadjetivais ou denominais com o significado “característica de quem ou daquilo que é *x*”, muitos casos são derivados do próprio latim e têm o significado sufixal opaco. Ocorre em *verdade* (2:18), *virgiindade* (2:20), *poridade* (5:52), *cidade* (5:162), *magestade* (9:45), *deslealdade* (15:70), *piadade* (15:72), *bondade* (15:74), *falssidade* (25:169), *voontade* (26:20), *maldade* (26:22), entre outros.

h) *-al* (35 ocorrências): ligado também a palavras antigas, herdadas do latim, portanto, com significado sufixal obscurecido. A produtividade em português se estabelece como formador sobretudo de adjetivos denominais com significado

“qualidade de x” ou de adjetivos deadjetivais apenas com função de reforço: *portal* (1:26), *infernai* (3:48), *leal* (5:86), *negral* (8:48), *estadal* (8:49), *celestial* (14:17), *natural* (15:161), *espiritual* (16:62), *terreal* (42:60), *mentiral* (42:65), *mortal* (42:70), *desleal* (42:75), *celestial* (42:90), entre outros. No sentido de “planta que produz x” apenas em *rosal* (56:57). Não ocorre surpreendentemente nenhum caso da variante posicional latina *-ar*.

i) *-or* (107 ocorrências), *-ura* (48 ocorrências) têm em comum a ligação com bases participiais do verbo. As formas mais antigas, com *-or* muitas vezes formam abstratos com sufixo opaco a partir do radical verbal: *loor* (1:1), *valor* (5:14), *sabor* (4:18), *amor* (4:20), *pavor* (11:73), *tremor* (15:120), *cheiror* (102:54), já *-dor*, *-tor*, *-sor* têm significado claramente agentivo e derivam de participios, isto é, “aquele ou aquilo que x”: *confessor* (2:58), *peccador* (3:32), *leedor* (4:22), *traedor* (4:68), *emperador* (5:12), *amador* (5:16), *servidor* (5:16), *dormidor* (6:82), *sabedor* (8:35), *fazedor* (9:12), *trobador* (10:20), *malfeitor* (13:6), *salvador* (14:41), *criador* (15:39), *vingador* (15:102), entre outros. Por sua vez, os derivados de *-ura* mais antigos são deverbais e não têm o traço [+humano], podendo significar “lugar onde se x”: *sepultura* (15:142) ou “aquilo com que se x” *vestidura* (2:11). Quando deadjetivas formam abstratos que significam “característica de quem ou daquilo que é x”: *amargura* (392:48), *fremosura* (40:28), *locura* (40:30), *tristura* (40:35), *friura* (91:29), *altura* (115:241), mas há abstratos denominais com o sentido de ‘ato de quem x’: *queixadura* (224:38), *postura* (224:43), *soltura* (305:43), *usura* (312:8) ou concretos que significam “objeto ou parte do corpo com que ou em que se x”: *serradura* (44:150), *escritura* (6:7), *liadura* (275:18), *entalladura* (312:18), *catadura* (383:54), *cobertura* (383:59), entre outros.

j) *-doiro*, *-soiro* (3 ocorrências): deverbais com o sentido ambíguo de “lugar onde se x” em *dormidoiro* (71:25) e “ação de quem pretende x” em *esposoiro* (125:78), *amadoira* (104:1). Formam em *-douro* não constam do *corpus*.

k) *-çon*, *-son*, *-xon*, *-jon*, *-zon* (41 ocorrências): abstratos deverbais normalmente com o sentido de “ato de x” muitas vezes com sentido já opaco, sobretudo nos que passaram a indicar substantivos concretos ou naqueles cujo radical já não é visível. *precisson* (2:30), *trayçon* (3:26), *sazon* (3:28), *vison* (4:43), *prijon* (5:37), *oraçon* (13:7), *vocaçon* (14:14), *confisson* (14:19), *escantaçon* (22:21), *devoçon* (24:41), *salvaçon* (26:36), *paxon* (30:31), *offereçon* (31:46), *tentaçon* (47:15), *faiçon* (49:54), *razon* (60:13), entre outros. Também *quinnon* (4:45), *comuyon* (4:49), *coraçon* (5:35), *pregon* (31:72) estão ligados ao mesmo sufixo latino.

l) *-mento* (41 ocorrências): também formador de abstratos deverbais normalmente com o sentido de “ato de x”, menos antigos que os do caso acima, revela formas menos eruditas e maior produtividade: *entendimento* (34:7), *falimento* (34:17), *perdimento* (34:18), *ensinamento* (34:22), *comprimento* (34:32), *salvamento* (34:33), *avondamento* (34:37), *renembramento* (34:38), *testamento* (53:2), *mandamento* (94:111), *casamento* (125:70), *castigamento* (140:20), *enterramento* (195:108) e outros.

m) *-eiro*, *-ario*, *-airo* (88 ocorrências): normalmente substantivos e adjetivos denominais “aquele que ou qualidade daquele que (trabalha com, está em, tem, em que se guardam) x”, com grande número de casos opacos: *leitoario* (88:74), *cossairo* (236:12), *notario* (377:48), *contrario* (377:2), *santuairo* (268:20), *pregaira* (57:110); *primeiro* (27:62), *monteiro* (5:68), *companheiro* (15:122), *marinneiro* (5:107),

tesoureiro (8:24), *cavaleiro* (15:126), *pedreiro* (231:21), *arqueiro* (28:54), *certeiro* (43:13), *arteiro* (43:33), *carneiro* (389:31), *cordeiro* (398:24), *merceeiro* (409:70), *solteiro* (151:7), *ceveira* (213:14), *omizieiro* (213:94) e outros mais (v. cap.2 acima).

n) *-edo* (1 ocorrência): só ocorre em *penedo* (113:28) para indicar unidade (SAID ALI 2001:182).

o) *-ismo, -ista* (1 ocorrência cada): também raros, apenas aparecem em *-ismo: batismo* (4:100) e *-ista: evangelista* (412:11).

p) *-oso* (83 ocorrências): bastante produtivo, forma adjetivos denominais com o sentido específico de “qualidade de quem ou daquilo que tem muito x”, com muitos casos de opacidade: *fremoso* (2:48), *orgulhoso* (2:50), *engeoso* (6:18), *saboroso* (6:19), *maravilhoso* (17:5), *grorioso* (19:6), *viçoso* (45:39), *veloso* (47:33), *amargoso* (195:141), *deleitoso* (195:147), *brioso* (195:155), *mederoso* (195:157), *despeitoso* (195:203), *sannoso* (195:205), *merceoso* (319:62), *pavoroso* (358:37), e outros.

q) *-udo* (5 ocorrências): forma adjetivos denominais com o valor de “qualidade de quem ou daquilo que tem x grande”: *sannudo* (5:64), *beyçudo* (28:75), *barvudo* (28:82), *sisudo* (28:109), *cornudo* (119:34).

r) *-es* (8 ocorrências): para indicar substantivos e adjetivos denominais com o sentido de “quem ou aquilo que é proveniente de x”: *burgues* (93:1), *genoes* (119:16), *frances* (281:5), *marques* (281:6), *leones* (245:52), *burgales* (305:33), *cortes* (255:13), *montes* (52:1). Não ocorrem formas com sufixo *-ense*.

s) *-ão, -ãa* (28 ocorrências): para indicar substantivos e adjetivos denominais com o sentido de “quem ou aquilo que é proveniente de x”, *perssião* (15:24), *pisão* (119:16), *romão* (69:43), *africão* (385:11), *çizillãa* (69:73), *aleimãa* (136:23), *cidadão* (409:82), *pagão* (28:114); *aldeão* (31:1), *vilão* (31:43) ou, nas formações mais antigas e opacas, “qualidade daquilo que é ligado, de alguma forma, a x”: *crischão* (25:2), *guardião* (119:18), *celorgião* (157:33), *humãa* (69:33), *canpãa* (69:38), *jusãa* (69:78), *certãa* (69:108), *liviãa* (371:46), *quartãa* (419:18) e outros. Outros gentílicos são *-eu, -ia* (9 ocorrências) e *-eno* (3 ocorrências): *judeu* (3:19), *romeu* (5:22), *macabeu* (22:23), *filisteu* (401:19), *ebreu* (426:3), *galileu* (426:38), *fariseu* (426:43), *Galilea* (425:47), *sandia* (201:23); *Damasceno* (261:1). O sufixo *-eno* ocorre ainda em *terreno* (364:7) e no numeral *quinzeno* (115:124). Para sufixos numerais, o *corpus* também oferece *-imo: septimo* (418:38).

t) *-iço* (3 ocorrências): sempre com sentido opaco: *serviço* (55:43), *toutiço* (129:12), *noviço* (365:2).

u) *-ento* (3 ocorrências): com formação irregular, indica normalmente adjetivos denominais ou deadjetivais com o valor “qualidade de quem ou daquilo que tem grande x”: *balorento* (34:23), *avarento* (194:12), *medorento* (33:50).

v) 25 ocorrências de diminutivos (*-ela, -illo, -inno*): nomes denominais que normalmente denotam valores como “aquele que é um x pequeno ou delicado” ou adjetivos deadjetivas que significam “qualidade de quem é bem x (ou x de uma maneira sutil, graciosa, delicada)”: *donzela* (49:61), *escudela* (115:234); *pecadilla* (19:18), *pintadilla* (169:46), *armadilla* (169:56), *remedillo* (293:18); *pequeninno* (221:11), *pastorinno* (392:15), *fremosinno* (389:18), *ansarinno* (389:33), *moçelinno* (389:38), *veloçinna* (75:18), *garridelinna* (79:14), *passarinna* (103:23), *furadynno* (136:30), *filynno* (323:15), *campaynna* (384:52), *carpynna* (105:98), *papelynna* (335:40), *taulinna* (54:38), *judeucynno* (4:34), *tonelcynno* (23:18), *boynno* (331:15), *mannaynna* (321:33), *donezynna* (354:2).

w) 32 ocorrências de aumentativos (-az, -on, -aço), alguns opacos: nomes denominais que normalmente denotam valores como “aquele que é um x grande, desengonçado, ruim”: *bonaça* (35:46); *malvaz* (12:24), *frocaz* (82:29), *prumaz* (105:89), *alvaraz* (105:103), *fumaz* (105:110), *falpaz* (105:117), *agraz* (105:124), *viaz* (105:131), *escudeiraz* (317:6); *iffañon* (44:6), *capeyron* (54:45), *cabron* (283:53), *peon* (22:20), *crerizon* (24:9), *randon* (31:51), *aguillon* (31:53), *baston* (31:67), *bordon* (128:35), *torvon* (161:18), *espadarron* (189:17), *vargallon* (227:33), *tocon* (265:133), *grannon* (293:28), *torçillon* (85:10), *grinon* (85:50), *leyton* (85:64), *arloton* (305:48), *grannon* (305:58), *bolsson* (305:63), *lanparon* (321:12). Em *alvernaz* (125:9) marca apenas proveniência.

x) 7 ocorrências de sufixos derivacionais formadores de femininos (-adriz, -essa): “esposa de x” ou “mulher que x”: *emperadriz* (5:1), *pecadriz* (272:16); *condessa* (5:83), *abadessa* (7:1), *alcaydessa* (191:1), *prioressa* (222:37), *deoessa* (335:80).

3. Conclusões

Conforme observado, muitas das formas constantes nas gramáticas históricas não têm ocorrência efetiva no *corpus* analisado do séc. XIII. Outros textos precisariam ser estudados e descrição sincrônicas de antigas etapas da língua portuguesa para entender o desenvolvimento dos sufixos derivacionais. Alguns fatos aqui levantados não deixam de ser surpreendentes: não ocorrem palavras com sufixos –*ável*, –*ível*, –*úvel*, –*esco*, –*isco* (exceto *basilisco* 189:refr) e a alta produtividade de –*ança*, –*ença*. Também a oposição –*çon* x –*mento* neste momento da língua parece vincular-se à questão da produtividade e, uma vez que aquele era a forma menos opaca, também era mais produtiva do que este. Uma reviravolta acontecerá em séculos subseqüentes e –*ção* se tornaria tão produtivo quanto –*mento*, se não mais produtivo do que ele.

RESUMO: Neste artigo, analisam-se as 420 cantigas de Santa Maria a fim de descrever os procedimentos derivacionais no português do século XIII. Nem todas as formas constantes das gramáticas históricas eram efetivamente usadas e outras são surpreendentemente produtivas.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica; sufixos derivacionais; português arcaico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MATTOS & SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999.
- METTMANN, Walther (ed.) *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra, Por ordem da Universidade, 1959-1972.
- NUNES, José J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa, Clássica, 1945.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/ UnB, 2001.